

OST, François. *Traduire – Défense et illustration du multilinguisme*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2009, 421p. ISBN 978-2-213-64366-3.



Patrícia Rodrigues Costa¹
Doutoranda em Estudos da Tradução
(PGET – UFSC – Florianópolis – Brasil)
prcosta986@gmail.com

Escritor, jurista e filósofo belga, François Ost² é diretor do Seminário Interdisciplinar de Estudos Jurídicos³ da *Université Saint-Louis*, em Bruxelas - Bélgica, bem como da *Revue interdisciplinaire d'études juridiques*⁴. É membro-fundador do Instituto de Estudos sobre a Justiça⁵, Bélgica, foi membro do Conselho superior da língua francesa⁶ e é membro da Academia Real de Ciências, Letras e Belas Artes da Bélgica.

Em 2009, Ost publicou o livro *Traduire – défense et illustration du multilinguisme*, obra com um intuito interdisciplinar dividida em quatro partes (conferir prólogo, p. 13-16). Ost advoga a importância do multilinguismo por meio de um panorama sobre o universo da Tradução de modo sistemático ao relatar questões como: (1) o mito da Babel; (2) intraduzibilidade; (3) a tradução como escrita; (4) a criatividade como característica principal do ato tradutório; (5) o multilinguismo europeu como um diferencial que faz da Europa o continente em que “a língua é a tradução” e (6) a tradução como fator de dispersão de informação e de autoconhecimento.

Ost inicia seu relato pelo mito de Babel (Gênesis XI, 1 - 9) nos dois capítulos iniciais. O autor apresenta, no capítulo I, intitulado “*Babel raconté. Le mythe fondateur*”, cinco traduções que relatam o mito de Babel. A partir de nove versos deste mito bíblico, Ost defende que o episódio da Torre de Babel foi um evento positivo, pois demonstrou a aceitação à pluralidade, que o desejo de uma língua única é um mito e que a humanidade necessita de tradutores (p. 135). Em “*Babel abolie: langues parfaites et autres langues imaginaires*”, capítulo II, Ost relata a importância das línguas na formação jurídica de cada sociedade, no conceito de nação e ainda descreve o uso de línguas artificiais/imaginadas. Assevera, porém, que somente as línguas naturais seriam capazes de moldar as sociedades, por meio dos costumes, tradições e valores, e também do conceito de justiça (p. 99). Ost destaca também

239

que as línguas consideradas universais não podem ser comparadas à língua descrita pelo mito de Babel, pois as diferenças regionais e sociais aparecem com o passar do tempo. Assim, para ele, uma língua coesa não pode ser universal. Por outro lado, uma língua que não é coerente deve ser considerada universal, pois tem expressões diversas. Deste modo surge a tradução, que seria a reexpressão de uma mensagem verbal de uma língua em outra língua, no entanto muitas vezes pode ser considerada traição, reconstrução, reescrita e, possivelmente, uma melhoria do texto original (p. 104). Assim, nesta primeira parte, o autor defende a riqueza de cada língua, uma vez que a tradução intralingual seria de suma importância para sua evolução e seu enriquecimento. Além disso, a tradução interlingual, isto é, a tradução propriamente dita, possibilitaria o conhecimento das línguas e das sociedades envolvidas.

Na segunda parte desta obra, capítulos III a IV, o autor intenta contribuir para a discussão sobre o real significado do ato tradutório, pois “longe de ser uma realidade estática, a linguagem é uma instituição viva: não nos banhamos duas vezes no mesmo texto, assim como não se traduz o texto de Heráclito de modo idêntico duas vezes [...]”⁷ (p. 109). Ost relata ainda a diferença entre a atividade do tradutor e do intérprete, enfatizando o fato de que para alguns pesquisadores a tradução não seria uma atividade interpretativa, entretanto ambas as atividades almejam reproduzir uma mensagem. No capítulo III, intitulado “*Autrement dit: ce que traduire veut dire*”, Ost expõe, sobretudo, um panorama histórico da tradução partindo dos gregos, que consideravam a língua grega a única a ser aceita, passando pelos romanos que traduziam os textos gregos de modo a atender as exigências do latim clássico e realizaram as primeiras reflexões teóricas sobre a atividade tradutória. Além disso, Ost cita as traduções realizadas pelos cristãos, as quais eram consideradas uma atividade missionária, motivo pelo qual São Jerônimo é o maior representante deste período após a primeira grande tradução da Bíblia, a Vulgata (p. 116). A importância do mundo árabe para a Tradução no decorrer da Idade Média é realçada, visto que muitos textos científicos foram traduzidos durante esta época pelos árabes. Ost apresenta ainda os termos utilizados para caracterizar o ato tradutório durante a Idade Média (*translatio*; *traducere*, por Leonardo Bruni e *traducteur*, *traduire*, *traduction*, por Étienne Dolet). Ao relatar a defesa do uso de línguas vulgares, Ost menciona a importância da tradução da Bíblia na formação das línguas nacionais, sendo os principais exemplos o alemão e o inglês. Relata ainda a importância do ato tradutório no romantismo alemão para o processo de transformação cultural – *Bildung*. Ost descreve ainda a profissionalização da atividade tradutória e a criação de cursos de tradução nas universidades, bem como a publicação de manuais especializados e o aumento da publicação de reflexões

teóricas (p.123). Em “*La traduction: interne, d’abord et surtout*”, capítulo IV, Ost expõe os tipos de tradução possíveis, de acordo com Roman Jakobson: intralingual, interlingual e intersemiótica (p. 134). Além disso, cita o famoso discurso de Schleiermacher intitulado *Des différentes méthodes du traduire* (no original alemão, *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*), como o primeiro texto a descrever a tradução propriamente dita num senso geral. O autor afirma que as atividades tradutória e interpretativa se equivalem, já que visam a compreensão dos signos. Ost destaca que a língua tanto oral quanto escrita são entes históricos que se transformam constantemente (p. 140); aliás, para ele cada pessoa fala uma língua própria que se modifica conforme sua vivência. Consequentemente, a escrita da poesia seria, para ele, um tipo de tradução, pois se traduz da língua materna para uma linguagem poética.

A crença na impossibilidade da tradução é o tema central da terceira parte desta obra. A primeira refutação a ser abordada por Ost é apresentada em “*L’objection préjudicielle « Intraduisible »... vous avez dit « intraduisible »?*”, capítulo V, é a questão da intraduzibilidade. Para ele, a defesa da intraduzibilidade deve ser combatida, pois a língua não se limita ao nosso universo. Ost cita Gerard Genette ao afirmar que não se deve questionar a traduzibilidade de um texto, mas a sua domesticação à nova cultura (p. 160). Para Ost a defesa da intraduzibilidade está ligada à visão de mundo de cada sociedade, que pode estar condicionada à língua, e por isso deveria ser entendida como um desafio a ser vencido. Ele assevera que o ensino de tradução é uma das maiores provas da possibilidade da tradução. Além disso, a defesa da intraduzibilidade não seria uma maldição para a tradução, mas a prova de que a língua resiste e se inova (p. 177). No capítulo VI, intitulado “*Seconde main, petite main*”, Ost afirma que a tradução não é um trabalho de segunda mão, uma vez que o dever e a tarefa do escritor são as mesmas do tradutor (p. 181), posto que “se o tradutor não é o autor da obra, ele é um reescritor, o co-autor de uma nova versão do texto”⁸ (p. 191). Tradutor e autor são criativos, o que é inerente ao ato de escrita. “*La réduction lexicale*”, capítulo VII, relata a redução lexical decorrente do processo tradutório, já que as palavras não têm significado idêntico nas diversas línguas, devido ao contexto cultural, histórico, etc. (p. 200). A língua é um sistema e por isso os significados de suas palavras são encontrados no próprio sistema (p. 205). Assim, deve-se ignorar a crença de que traduzir é impossível, pois este ato dispõe de diversas escolhas durante todo seu processo, por isso é realizado a partir e na própria língua (p. 209) e que não pode ser feito palavra por palavra, para isso ele cita Umberto Eco e John Locke. Deste modo, a terceira parte visa aprofundar os conhecimentos

apresentados anteriormente, bem como ser o elo para compreensão da função ética e política do tradutor.

242 A última parte do livro apresenta questões relacionadas à atividade realizada pelo tradutor e seus métodos de trabalho. Ost afirma, em “*Dans l’atelier du traducteur*”, capítulo VIII, que não há regras claras destinadas a guiar o trabalho do tradutor em todas as situações (p. 227). Contudo, Ost cita alguns métodos: (1) reversibilidade – designado por Schleiermacher por modalidade, este método afirma que a *backtranslation* permite retornar ao texto original; (2) ritmo – conforme Henri Meschonnic o ritmo é essencial à tradução, em razão disso a teoria da tradução por ele desenvolvida é baseada na presença do ritmo na tradução; (3) teorias da leitura – a primeira leitura do texto a ser traduzido seria conceitual, a segunda é poética e responsável. Este autor comenta ainda a defesa por traduções naturalizantes e estrangeirizantes por Jean René Ladmiral e Antoine Berman, respectivamente (p. 238 – 240). Para ele, o ofício do tradutor envolve diversas ações importantes: 1. escolhas lexicais e gramaticais, segundo Valery Larbaud; 2. negociação dos significados pelo tradutor, conforme Umberto Eco; 3. comparação, de acordo com Paul Ricœur; 4. abdução, isto é, passar tornar algo que é desconhecido em conhecido, segundo Eco. Em relação ao ofício do tradutor, Ost expõe novamente a busca pela fidelidade tradutória. Em “*La septième cite: la traduction*”, capítulo IX, ele busca demonstrar a pluralidade existente na sociedade. Ao citar Umberto Eco, o autor relembra que no encontro entre povos de duas culturas distintas, um tende a pensar no outro como bárbaro por falar uma língua diferente da sua e por ter outra cultura (p. 282). Ainda apresenta a eterna discussão entre o *eu* e o *outro*, por isso muitas vezes traduzir significaria reconhecer que a língua é falha. Apesar disso, com base na afirmação de Jacques Derrida de que não falamos uma língua, Ost assevera que “desde a proliferação das cidades, é nas suas fronteiras, nos cruzamentos de suas rotas, que se faz entender as línguas vivas: as línguas da tradução”⁹ (p. 289). Afirma ainda mais, deve-se ter uma visão ética na tradução ao reconhecer e receber “o outro” como o outro mesmo, com sua diferença, mas no qual podemos nos reconhecer (p. 291). Isto é, a tradução é um exercício de responsabilidade, por esta razão, a ética do tradutor estará na hospitalidade ao texto traduzido e não na fidelidade (p. 293).

No capítulo X, intitulado “*La politique de Babel – Les États, les langues et la traduction*”, Ost relata o *Rapport Grégoire*, isto é, um relatório elaborado no século XVIII por Henri Grégoire que defende a uniformização do francês (p. 304 – 313) e a erradicação da língua não padronizada, o *patois*. Neste capítulo, Ost discute a importância da língua na

formação da identidade nacional, a volta à crença de uma língua única e também a importância do multilinguismo, bem como a necessidade funcional da tradução em países como Canadá e Suíça (p. 323). Diferencia ainda os tipos de língua (materna, oficial, nacional, etc.), os tipos de plurilinguismo (dominante única, dominantes minoritárias, dominante minoritária, dominante alternativa, dominantes regionais), a questão da normalização e da institucionalização das línguas. Além de discorrer sobre a morte das línguas, ao diferenciar as línguas mortas, as desaparecidas e as em vias de extinção (p. 332 – 334) e da diferença entre o uso cultural de uma língua e uso de serviço (p. 334 – 337). Contudo, o ponto forte do capítulo X é a descrição de 13 estudos de caso acerca da língua, a qual pode ser um objeto para a paz ou para a guerra, que é uma das características na formação de nações, podendo: 1. ter uma língua oficial – por exemplo, a Turquia, Rússia, China, França, Iugoslávia; 2. ser bilíngue ou multilíngue – Bélgica, Canadá, Suíça; 3. ser determinante na formação de um Estado – neste caso o Estado de Israel; 4. demonstrar a formação de minorias em países com uma única língua oficial – por exemplo, a minoria latina nos EUA; 5. descrever a compreensão da importância da língua materna e da língua oficial para os povos; 6. ser um modo de resistência contra o colonizador e (7) a tentativa de uma nova babelização por meio do Esperanto, o qual tem por finalidade ser uma língua neutra e internacional. Ost finaliza o capítulo X ao discutir a questão das línguas na Europa, isto é, um continente multilíngue que tem o inglês como segunda língua que respeita a diversidade e que por esse motivo não deveria ter o inglês como língua europeia única. Em razão disto, o autor busca demonstrar a importância política da tradução ao dizer que “A língua da Europa é a tradução”, citando Umberto Eco. Ost afirma também que “a Europa nasce da tradução e se nutre de diversas culturas. Não se deve esquecer, no contexto de intolerância atual, que sem os grandes centros de tradução árabe e judaicos [...] não teríamos acesso a grande parte dos textos gregos”¹⁰ (p. 117). Em “*La traduction comme paradigme – L'exemple du droit*”, capítulo XI, apresenta a importância da tradução para o estudo do Direito, principalmente em países bilíngues ou multilíngues, bem como evidenciar a importância da Tradução para o direito internacional e comparado, além da compatibilidade entre os sistemas jurídicos.

Traduire – défense et illustration du multilinguisme comprova ser uma reflexão rica sobre o papel da Tradução não só na história da humanidade bem como na sociedade contemporânea e demonstra seu objetivo político ao caracterizar a Europa como um continente de e para a tradução. O autor apresenta uma verdadeira política linguística a favor do multilinguismo e da tradução, demonstra a importância da tradução para a população

mundial, mesmo que esta tenha a falsa percepção desta como um ato de reinvenção do texto original, isto é, de traição, de infidelidade. Ost rejeita a necessidade de uma língua única, apresenta questões relativas ao ofício do tradutor e a língua como caracterizadora de sistemas jurídicos. Por esta razão, podemos afirmar que esta obra é de suma importância para melhor compreensão do universo da Tradução, além de ser extremamente útil para estudantes e pesquisadores dos Estudos da Tradução, dentre outras áreas.

BIBLIOGRAFIA

LEGRAND. Pierre. *Traduire : défense et illustration du multilinguisme*. The Translator, 2014. Disponível em: <http://www.pierre-legrand.com/ost-review.pdf>. Acesso: julho 2014.

¹ Lattes Patrícia Rodrigues Costa. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9546437584230118>

² François Ost. Disponível em: <http://www.fayard.fr/francois-ost>. Acesso: julho 2014.

³ *Séminaire interdisciplinaire d'études juridiques (SIEJ)*. Disponível em: http://www3.fusl.ac.be/4DACTION/rechw_detail_Unite/12/F. Acesso: julho 2014.

⁴ *Revue interdisciplinaire d'études juridiques*. Disponível em: <http://www.usaintlouis.be/publications/332.html>. Acesso: julho 2014.

⁵ *Institut d'études sur la justice*. Disponível em: <http://www.iej-asbl.be/Presentation.htm>. Acesso: julho 2014.

⁶ *Le Conseil supérieur de la langue française*. Disponível em: <http://www.culture.gouv.fr/culture/dglf/politique-langue/csLf-accueil.html>. Acesso: julho 2014.

⁷ « *De plus, loin d'être une réalité statique, le langage est une institution vivante : on ne se baigne jamais deux fois dans le même texte, pas plus qu'on ne traduit deux fois Héraclite à l'identique .* »

⁸ « [...] *le traducteur, s'il n'est pas l'Auteur de l'Œuvre, en est le « ré-écrivain », le co-auteur d'une nouvelle version du texte.* »

⁹ « *Depuis la prolifération des cites, c'est à leur frontières, aux croisements de leurs routes que se font entendre les langues vivantes : les langues de la traduction.* »

¹⁰ *Plus que jamais, l'Eupore naît de la traduction et se nourrir de cultures multiples. Il n'est pas inutile de rappeler, dans le contexte d'intolérance d'aujourd'hui, que, sans les grandes centres de traduction arabes et juifs (Bagdad notamment), nous n'aurions jamais eu accès à une grande partie des textes grecs.*

ACEITO EM: 15 de junho de 2015

RECEBIDO EM: 10 de julho de 2015